

Construindo uma Teoria Multifactorial da Notícia como uma Teoria do Jornalismo

Jorge Pedro Sousa*
Universidade Fernando Pessoa

Índice

1	Introdução	2
2	Notícia	4
3	Tendência “divisionista” para a explicação das notícias	6
4	Tendência "unionista" para a explicação das notícias . .	10
5	Circulação, consumo e efeitos das notícias	12
6	A Teoria Multifactorial da Notícia (enquanto Teoria do Jornalismo)	15
6.1	Primeira equação (1)	17
6.2	Segunda (2) e terceira equações (3)	26
7	Testando o modelo	28
8	Considerações finais	42
9	Bibliografia	43

*Jorge Pedro Sousa é investigador e professor associado da Universidade Fernando Pessoa, nas áreas do Jornalismo (teoria, redacção e fotojornalismo), Planeamento da Comunicação e Teoria da Comunicação. É doutor em Ciências da Informação pela Universidade de Santiago de Compostela (1997). Tem vários livros e artigos publicados sobre jornalismo e comunicação. Foi jornalista e assessor de imprensa antes de se dedicar em exclusivo à docência e à pesquisa. E-mail: jpsousa@ufp.pt

Resumo

Neste texto, o autor sustenta que existe conhecimento empírico e reflexivo suficiente para se estruturar uma Teoria da Notícia capaz de responder às questões "por que é que as notícias são como são?", "por que é que temos as notícias que temos?" e "quais os efeitos das notícias?". O autor apresenta, assim, a sua Teoria Multifactorial da Notícia, que beneficia do trabalho de investigadores como Michael Schudson (1988) ou Shoemaker e Reese (1991) e se estrutura em três equações interligadas. A primeira das equações mostra que a notícia é um produto de nove variáveis; a segunda equação mostra que a notícia tem efeitos fisiológicos, afectivos, cognitivos e comportamentais sobre as pessoas e que esses efeitos dependem das várias circunstâncias do receptor; a terceira equação evidencia que a notícia tem efeitos sobre a sociedade, as ideologias e a cultura (o que se reflecte na história).

1 Introdução

À semelhança das ciências exactas e naturais, as ciências humanas e sociais devem procurar agregar os dados dispersos fornecidos pela pesquisa em teorias integradoras, entendidas como explicações integradas para fenómenos comprovadamente correlacionados, susceptíveis de explicar determinados fenómenos com base em leis gerais predictivas, mesmo que probabilísticas. As ciências da comunicação devem, assim, ultrapassar a sua condição de "disciplinas sérias" próximas da filosofia, como lhes chamou Debray¹, para assumir a sua cientificidade, como pretendia Moles (1972). Isto implica avançar para a enunciação de teorias sempre que os investigadores considerem que existem dados científicos e evidência suficientes. No campo do jornalismo, essa opção tem sido seguida por investigadores como Shoemaker e Reese (1992), Sousa

¹ Entrevista a Régis Debray, conduzida por Adelino Gomes e publicada no suplemento *Mil Folhas* do jornal *Público*, a 23 de Novembro de 2002.

(2000; 2002) e mesmo Schudson (1988), contando, porém, com a oposição de autores como Traquina (2002) ou Viseu (2003).

Uma teoria do jornalismo deve partir da observação de que há notícias jornalísticas² e de que estas têm efeitos. Em resultado desta evidência, uma teoria do jornalismo deve centrar-se no produto jornalístico - a notícia jornalística, explicando como surge, como se difunde e quais os efeitos que gera. Em suma, a teoria do jornalismo deve consubstancializar-se como uma teoria da notícia e responder a duas questões:

- Por que é que as notícias são como são e por que é que temos as notícias que temos (circulação)?
- Quais os efeitos que as notícias geram?

Uma teoria da notícia, à semelhança de outras teorias científicas, deve ser enunciada de maneira breve e clara, deve ser universal (ou seja, deve chegar a leis científicas universais, mesmo que probabilísticas), deve ser traduzível matematicamente e deve ainda ser predictiva. Deve atentar no que une e é constante e não no que é accidental. Isto significa que o enunciado da teoria deve ser contido, explícito e aplicável a toda e qualquer notícia que se tenha feito ou venha a fazer. Uma teoria da notícia, como qualquer teoria científica, será válida unicamente enquanto não ocorrerem fenómenos que a contradigam, pois o conhecimento científico, que é construído, como qualquer outro tipo de conhecimento, é marcado pela possibilidade de refutação e, portanto, pela revisibilidade.

À luz do que foi dito, este texto tem por objectivo contribuir para a edificação de uma teoria da notícia, enquanto teoria do jornalismo, marcada pela cientificidade e pela matematização.

² Ou seja, há notícias produzidas pelo sistema jornalístico a partir de referentes reais.

2 Notícia

Uma teoria científica tem de delimitar conceptualmente os fenómenos que explica e prevê. A teoria do jornalismo deve ser vista essencialmente como uma teoria da notícia, já que a notícia é o resultado pretendido do processo jornalístico de produção de informação. Dito por outras palavras, a notícia é o fenómeno que deve ser explicado e previsto pela teoria do jornalismo e, portanto, qualquer teoria do jornalismo deve esforçar-se por delimitar o conceito de notícia.

É preciso também notar que o conceito de notícia tem uma dimensão que poderíamos classificar como tática e uma dimensão que poderíamos classificar como estratégica. A dimensão tática esgota-se na teoria dos géneros jornalísticos. Nessa dimensão, distingue-se notícia de outros géneros, como a entrevista ou a reportagem. Todavia, a dimensão estratégica encara a notícia como todo o enunciado jornalístico. Esta opção é aquela que interessa à teoria do jornalismo enquanto teoria que procura explicar as formas e os conteúdos do produto jornalístico.

Complementando uma definição de notícia dada por Sousa (2000; 2002), pode dizer-se que uma notícia é um artefacto linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia.

A notícia é um *artefacto linguístico* porque é uma construção humana baseada na linguagem, seja ela verbal ou de outra natureza (como a linguagem das imagens). A notícia nasce da interacção entre a *realidade perceptível*, os *sentidos* que permitem ao ser humano “apropriar-se” da realidade, a *mente* que se esforça por apreender e compreender essa realidade e as *linguagens* que alicerçam e traduzem esse esforço cognoscitivo.

As notícias ocupam-se com as aparências dos fenómenos que ocorrem na realidade social e com as relações que aparentemente esses fenómenos estabelecem entre si. A notícia não espelha a realidade porque as limitações dos seres humanos e as insuficiências da linguagem o impedem³. Por isso, a notícia contenta-se em *representar*⁴ parcelas da realidade, independentemente da vontade do jornalista, da sua intenção de verdade e de factualidade. Essa representação é, antes de mais, *indiciática*⁵. A notícia indicia os aspectos da realidade que refere. Ao mesmo tempo, a notícia indicia as circunstâncias da sua produção. Ou seja, entre notícia, realidade e circunstâncias de produção há um vínculo de contiguidade. Mas a notícia pode também ter estabelecer relações de semelhança com a realidade que referencia. Por esse motivo, a notícia pode assumir igualmente uma dimensão icónica⁶, correspondente, aliás, à própria ambição de iconicidade dos jornalistas que a produzem, ou seja, à vontade de o enunciado produzido (notícia) ser semelhante à realidade enunciada.

Vários factores interferem na construção da notícia. A natureza indiciática da notícia, ou seja, o facto de na notícia estarem indiciadas as circunstâncias da sua produção, permite determinar esses factores, nos quais se devem basear as explicações que se dão para explicar por que temos as notícias que temos e por que as notícias são como são. Na teoria unificada do jornalismo que neste texto se sustenta, esses factores podem ser de *natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos*.

Uma teoria do jornalismo deve ocupar-se unicamente da *notícia enquanto fenómeno jornalístico*, isto é, deve ocupar-se dos

³ Para uma melhor compreensão deste fenómeno, consulte-se a tese doutoral de José Rodrigues dos Santos (2001).

⁴ Alguns semióticos dizem mesmo *simular*.

⁵ Recorre-se aqui à clássica divisão dos signos estabelecida por Peirce.

⁶ Também pode funcionar como símbolo, mas esta discussão já transcende os objectivos da presente definição de notícia.

enunciados que são produzidos por *jornalistas credenciados* e que são veiculados em *espaços jornalísticos por meios jornalísticos*⁷.

A notícia comporta informação com *sentido compreensível* num determinado *momento histórico* e num determinado *meio sócio-cultural*. Se dentro de um contexto um determinado facto emerge da superfície plana da realidade, sendo percebido como notável e, portanto, como um acontecimento digno de se tornar notícia (Rodrigues, 1988), noutra contexto esse mesmo facto pode passar despercebido por não ter um enquadramento que permita observá-lo como um facto notável, ou seja, como um acontecimento⁸.

Finalmente, a notícia só se esgota no momento do seu *consumo*, já que é nesse momento que ela produz efeitos e passa a fazer parte dos referentes da realidade. Esses referentes são a parte da realidade que formam a imagem que os sujeitos constroem da realidade. Por isso, a construção de sentido para uma notícia depende da interacção perceptiva, cognoscitiva e até afectiva que os sujeitos com ela estabelecem⁹.

3 Tendência “divisionista” para a explicação das notícias

Há autores que consideram que as explicações que têm sido avançadas para explicar os formatos e conteúdos das notícias são insuficientes para se edificar uma teoria do jornalismo e por vezes são também antagónicas e contraditórias. O mais referenciado defensor lusófono desta tese é, provavelmente, Nelson Traquina (2001;

⁷ Para efeitos deste artigo, é estéril debater as fronteiras do jornalismo, o que é e não é jornalismo, quem é e quem não é jornalista, o que é ou não é um meio jornalístico.

⁸ Para sustentação e aprofundamento deste argumento, consulte-se Sousa (2000; 2002).

⁹ Para sustentação e aprofundamento deste argumento, consulte-se Sousa (2000; 2002).

2002). Para Traquina (2002: 73-129) há a considerar várias "teorias", que podem ser resumidas da seguinte maneira:

- **Teorias do espelho**

Com base nesta explicação, as notícias são vistas como o espelho da realidade, conforme a ideologia profissional clássica dos jornalistas.

- **Teoria da acção pessoal ou do *gatekeeper***

Esta explicação nasce da metáfora do *gatekeeping* aplicada à produção de informação jornalística. De acordo com esta explicação, as notícias resultam da selecção de acontecimentos, com base nas opções particulares de cada jornalista selector.

- **Teoria organizacional**

A teoria organizacional enfatiza que as notícias são o resultado das condicionantes organizacionais em que são fabricadas, como as hierarquias, as formas de socialização e aculturação dos jornalistas, a rede de captura de acontecimentos que o órgão jornalístico lança sobre o espaço, os recursos humanos e financeiros desse órgão, a respectiva política editorial, etc.

- **Teoria da acção política**

Segundo Traquina, os defensores desta explicação sustentam que as notícias distorcem a realidade, embora pudessem ser o seu espelho. Há duas versões desta "teoria". Uma delas afirma que as notícias são dissonantes da realidade porque os jornalistas, sem autonomia, estão sujeitos a um controle ideológico e mesmo conspirativo que leva os *media* noticiosos a agirem como um instrumento ao serviço da classe dominante e do poder. Por isso, para esses teóricos as notícias dão uma visão libertista, liberal e conservadora do mundo e contribuem para a sustentação do *statu quo*. A outra versão sustenta que os *media* noticiosos são instrumentos da ideologia dos jornalistas. Estes são vistos como

quase totalmente autónomos em relação aos diversos poderes. As notícias seriam enviesadas da realidade porque reflectem as convicções ideológicas e políticas dos jornalistas e as suas ideologias profissionais. Como os jornalistas, para esses pensadores, são maioritariamente de esquerda, as notícias tendem a privilegiar uma visão esquerdista do mundo.

- **Teoria estruturalista**

De acordo com esta explicação, as notícias são um produto socialmente construído que reproduz a ideologia dominante e legitima o *statu quo*. Isto acontece porque os jornalistas e os órgãos de comunicação social têm uma reduzida margem de autonomia, cultivam uma cultura rotinizada e burocratizada e estão sujeitos ao controle da classe dominante, proprietária dos meios de comunicação, que vincula os *media* às suas (primeiras) definições dos acontecimentos. As rotinas produtivas são vistas como uma cedência ao domínio dos poderosos. As notícias condensam essa relação estrutural entre os *media* e os definidores de sentido para os acontecimentos e ajudam a construir uma sociedade consensual e normalizada, em função da ideologia dominante-hegemónica.

- **Teoria construcionista**

A explicação construcionista para as notícias é mais elaborada do que as anteriores. Para os académicos que perfilham essa explicação, as notícias são histórias que resultam de um processo de construção, linguística, organizacional, social, cultural, pelo que não podem ser vistas como o espelho da realidade, antes são artefactos discursivos não ficcionais – indiciáticos- que fazem parte da realidade e ajudam-na a construir e reconstruir. Assim, o conceito de distorção é visto como inadequado e as atitudes políticas dos jornalistas -observados como relativamente autónomos, embora

constrangidos pela linguagem, pelas organizações noticiosas, pelas negociações com as fontes, etc.- não são entendidas como um factor determinante no processo jornalístico de produção de informação. As rotinas são vistas como o resultado de um esforço organizacional para assumir uma vantagem estratégica.

- **Teoria interaccionista**

De acordo com esta linha explicativa, as notícias resultam de um processo de percepção, selecção e transformação de acontecimentos em notícias, sob a pressão do tempo, por um corpo de profissionais relativamente autónomo e autorizado, que partilha de uma cultura comum. Os jornalistas são vistos não como observadores passivos, mas sim como participantes activos na construção da realidade. As notícias são encaradas como uma construção social, sendo limitadas pela natureza da realidade, mas registando aspectos tangíveis dessa realidade. As notícias registam também os constrangimentos organizacionais, os enquadramentos e narrativas culturais que governam a expressão jornalística, as rotinas que orientam e condicionam a produção de notícias, os valores-notícia e as negociações entre jornalistas e fontes de informação.

Como é visível, as diferentes "teorias" expostas por Traquina não têm fronteiras muito bem definidas. Há entre elas pontos de contacto, explicações comuns. Aquilo que as une é mais importante do que aquilo que eventualmente as separa. Por exemplo, as rotinas são relevadas em várias delas. Usando os mesmos dados de Traquina, é possível tecer uma teia explicativa global para as notícias - é uma questão de sistematizar esses dados. Este é um dos principais argumentos que sustentam as teses "unionistas".

4 Tendência "unionista" para a explicação das notícias

Em 1988, Michael Schudson escreveu que as teorias unidimensionais não conseguem explicar as notícias. "As explicações para as notícias serem o que são só terão interesse se pressupomos que não é óbvio as notícias serem o que são. Se estivermos convencidos de que as notícias apenas espelham o mundo exterior ou que simplesmente imprimem os pontos de vista da classe dominante, nesse caso não é necessário mais nenhuma explicação." (Schudson, 1988: 17) Por isso, para compreender as notícias, segundo Schudson (1988), há que conciliar várias explicações. Isoladas, essas explicações são insuficientes para explicar as notícias que temos e por que elas são como são, mas em conjunto revelam todo o seu poder explicativo:

a) Acção pessoal – As notícias são um produto das pessoas e das suas intenções.

b) Acção social – As notícias são um produto das organizações noticiosas, da sua forma de se adaptarem ao meio e dos seus constrangimentos, independentemente das intenções pessoais dos intervenientes no processo jornalístico de produção de informação.

c) Acção cultural – As notícias são um produto da cultura e dos limites do concebível que uma cultura impõe, independentemente das intenções pessoais e dos constrangimentos organizacionais.

Ao reconhecer as insuficiências das explicações unidimensionais e ao cruzar essas explicações para explicar por que é que as notícias são como são, Michael Schudson dá pistas para se alicerçar uma teoria unificada do jornalismo, no que diz respeito ao processo de produção de informação.

Por seu turno, ao estudar o processo de *gatekeeping* no jornalismo, Pamela Shoemaker (1991), baseada nos resultados de pesquisas anteriores, deu conta da existência de diversos factores que influenciam esse processo. Esses factores foram agregados pela autora em quatro níveis de influência:

a) A um nível **individual**, o processo de *gatekeeping* é influenciado por modelos de pensamento, pela heurística cognitiva, por valores e características pessoais, pela concepção que os intervenientes no processo têm do seu papel social, etc.

b) Entre o nível individual e um terceiro nível, o processo é influenciado pelas **rotinas produtivas**;

c) A um nível **organizacional**, o processo de selecção e produção de informação é constringido pelas características organizacionais (recursos, hierarquias, etc.), pelos processos organizacionais de socialização dos jornalistas e pelas dinâmicas próprias que a organização noticiosa estabelece com o meio;

d) A um nível **social, institucional, extra-organizacional**, o processo de *gatekeeping* é influenciado pelas fontes de informação, pelas audiências, pelos mercados, pelas entidades publicitárias, pelos poderes políticos, judiciais, etc., pelos lóbis, pelos serviços de relações públicas, por outros meios jornalísticos, etc.

Resumindo, ao explicar o processo de *gatekeeping*, Pamela Shoemaker montou as bases para a edificação de uma teoria unificada capaz de explicar o processo jornalístico de produção de informação, com base na interacção de diferentes forças. Mais tarde, Pamela Shoemaker e Stephen Reese (1991; 1996) voltaram a essa temática, tendo complementado e aprofundado a explicação inicial de Shoemaker. Do trabalho de 1996, publicado sob a forma de livro (*Mediating the Message - Theories of Influences on Mass Media Content*), resultou a construção de uma teoria

unificada dos conteúdos noticiosos, ligada, ademais, aos efeitos desses conteúdos. Tal como no livro *Gatekeeping* (1991), de Shoemaker, os autores de *Mediating the Message* estruturam a sua teoria da notícia em vários níveis de influência: a) influências dos **trabalhadores dos media**; b) influências das **rotinas produtivas**; c) influências **organizacionais**; d) influências do **meio externo** às organizações noticiosas; e e) Influências **ideológicas**.

Conforme é notório, em relação ao trabalho de Shoemaker de 1991, os autores reconhecem a importância da ideologia como um factor capaz de influenciar o conteúdo das notícias. Agregando as ideias de Shoemaker e Reese às de Schudson, e tendo em conta as perspectivas "divisionistas" de Traquina (2001; 2002), é possível perceber que numa coisa os estudiosos do jornalismo estão de acordo: **os resultados das pesquisas colocam em evidência que factores de natureza pessoal, social (organizacional e extra-organizacional), ideológica e cultural enformam e constroem as notícias**. Uma teoria unificada do jornalismo tem de partir desse património comum de conhecimento científico sobre o jornalismo.

5 Circulação, consumo e efeitos das notícias

Uma teoria unificada do jornalismo e da notícia fica incompleta se não lhe for agregada a componente dos efeitos das notícias. Shoemaker e Reese (1991; 1996: 258-260), por exemplo, chamam a atenção para a necessidade de se interligarem os efeitos das notícias e as influências sobre os conteúdos noticiosos numa teoria unificada da notícia (ou do jornalismo). Os autores argumentam que é necessário conhecer os conteúdos das notícias para se perceberem os respectivos efeitos; e que só se percebem os efeitos quando se conhecem os conteúdos. Por outras palavras, pode-se dizer que a notícia apenas se esgota na sua fase de consumo, que é, precisamente, a fase em que produz efeitos. Além disso, Shoemaker e Reese (1991; 1996: 260) realçam que os efeitos das notícias sobre a sociedade, as instituições e os poderes podem, por sua

vez, repercutir-se retroactivamente sobre os meios jornalísticos e, portanto, sobre as notícias e os seus conteúdos.

A concepção dos efeitos das notícias deve partir da teoria da dependência, proposta por Ball-Rokeach e DeFleur (1976). Para estes autores, os meios de comunicação, nos quais se incluem os meios jornalísticos, são a principal fonte de informação que a sociedade tem sobre si mesma. São também os meios de comunicação os agentes mais relevantes para pôr em contacto os múltiplos subsistemas sociais. Assim, as pessoas, os grupos, as organizações e a sociedade em geral *dependem* dos meios de comunicação para se manterem informados e para receberem orientações relevantes para a vida quotidiana. Quanto mais uma sociedade está sujeita à instabilidade ou à mudança, mais as pessoas, os grupos e as organizações dependem da comunicação social para *compreenderem* o que acontece, *receberem orientações* e *saberem como agir*.

O modelo da dependência desenvolvido por Ball-Rokeach e DeFleur (1982; 1993) tem também a vantagem de sistematizar muito pertinentemente os efeitos da comunicação social e, portanto, das notícias. Esses efeitos circunscrevem-se a três categorias: efeitos cognitivos (teorias do agenda-setting, da tematização, da construção social da realidade, do cultivo, da socialização pelos *media*, do distanciamento social, da espiral do silêncio, etc.) efeitos afectivos (teoria dos usos e gratificações, etc.) e efeitos comportamentais (consequência dos outros dois tipos de efeitos). A grande vantagem desta sistematização é facultar a integração de diversas "teorias" dos efeitos nessas três grandes macrocategorias, principalmente quando se pensa nos efeitos pessoais das notícias.

- **Efeitos cognitivos**

As notícias produzem efeitos cognitivos pois moldam as percepções que se têm da realidade ("teorias" da construção social da realidade), podendo mesmo levar as pessoas a tomarem atitudes e formarem crenças mais baseadas nos

conteúdos das notícias do que na própria realidade ("teoria"do cultivo); contribuem para a formação de atitudes e para a socialização e a aculturação ("teorias"da socialização pelos *media*); reforçam ou colocam em questão determinadas crenças; cultivam valores e propõem a adesão ou a rejeição de novos valores (teoria do cultivo); geram o agendamento público de temáticas relevantes para a vida das pessoas ("teorias"do agenda-setting e da tematização); concorrem para a aquisição de conhecimentos e para o aumento ou diminuição da distância que separa as pessoas em termos de conhecimento ("teoria"do distanciamento social); levam a que por vezes as pessoas pensem que pertencem a grupos majoritários por verem constantemente as suas ideias e modos de vida reflectidos nos *media*, ou, pelo contrário, levam as pessoas a pensarem que estão isoladas ou pertencem a grupos minoritários por não verem as suas ideias e modos de vida reflectidos nos *media*, tendendo a silenciar-se ("teoria"da espiral do silêncio), etc.¹⁰

- **Efeitos afectivos**

As notícias provocam emoções e sentimentos. Mesmo dirigidas à razão, colateralmente atingem a emoção. Esta é uma das explicações para o facto de as pessoas, por vezes, consumirem activamente informação jornalística de maneira a sentirem-se gratificadas ("teoria"dos usos e gratificações). As notícias também podem contribuir para a atenuação ou intensificação dos afectos, por exemplo, através da exposição prolongada a mensagens violentas, no primeiro caso, ou através de mensagens afectivas, no segundo caso; podem concorrer para o desenvolvimento de sentimentos de medo e insegurança e até de ansiedade e pânico; e ainda podem ter efeitos ao nível da moral e da alienação, pelo fomento da integração ou, pelo contrário, da desagregação de

¹⁰ Para uma abordagem mais exaustiva destas teorias, consulte-se Sousa (2003) ou Sousa (2000).

grupos, organizações e dos membros de uma sociedade em geral.

- **Efeitos comportamentais**

As notícias podem ter efeitos sobre a conduta das pessoas, activando ou desactivando comportamentos. Os efeitos comportamentais são a consequência dos efeitos cognitivos e afectivos.

É necessário ter-se em consideração que quando se fala de efeitos das notícias se fala de efeitos possíveis ou mesmo prováveis a larga escala. No entanto, convém não ignorar que, em última análise, os efeitos de uma notícia são relativos, pois dependem de cada consumidor da mesma em particular¹¹.

6 A Teoria Multifactorial da Notícia (enquanto Teoria do Jornalismo)

Recordando o atrás sustentado, uma teoria do jornalismo deve partir da observação de que há notícias jornalísticas¹² e de que estas têm efeitos. Em resultado desta evidência, uma teoria do jornalismo deve centrar-se no produto jornalístico -a notícia jornalística, explicando como surge, como se difunde e quais os efeitos que gera. Em suma, a teoria do jornalismo deve consubstancializar-se como uma teoria da notícia e responder a duas questões: a) Por que é que as notícias são como são e por que é que temos as notícias que temos (circulação)? b) Quais os efeitos que as notícias geram?

Uma teoria da notícia, à semelhança de outras teorias científicas, deve ser enunciada de maneira breve e clara, deve ser uni-

¹¹ Para uma mais completa argumentação, consultar Sousa (2000) ou Sousa (2003).

¹² Ou seja, há notícias produzidas pelo sistema jornalístico a partir de referentes reais.

versal, deve ser traduzível matematicamente e deve ainda ser predictiva. Deve atentar no que une e é constante e não no que é accidental. Isto significa que o enunciado da teoria deve ser contido, explícito e aplicável a toda e qualquer notícia que se tenha feito ou venha a fazer.

Os resultados das pesquisas realizadas no campo dos estudos jornalísticos permitem perceber que (1) a notícia jornalística é o produto da interacção histórica e presente (*sincrética*) de forças *pessoais, sociais (organizacionais e extra-organizacionais), ideológicas, culturais, históricas e do meio físico e dos dispositivos tecnológicos que intervêm na sua produção* e através dos quais são difundidas; e (2) que as notícias têm efeitos *cognitivos, afectivos e comportamentais* sobre as pessoas e, através delas, sobre as sociedades, as ideologias, as culturas e as civilizações.

Matematicamente, a teoria pode traduzir-se por três equações multifactoriais interligadas num sistema, daí que a teoria aqui expressa possa denominar-se **Teoria Multifactorial da Notícia**. A matematização permite identificar, delimitar, agrupar, sistematizar e sintetizar quer (1) os macrovectores estruturantes das notícias, ou seja, as forças em que se integram todos os microfactores que geram e conformam as notícias, quer (2) os macrovectores estruturantes dos efeitos das notícias, ou seja, os macro-efeitos onde se podem integrar todas as modificações observáveis que as notícias provocam ou podem provocar nas pessoas e através destas nas sociedades e nas civilizações.

A matematização não escamoteia a complexidade dos factores que impulsionam e direccionam a construção das notícias nem a complexidade dos efeitos das mesmas. A matematização permite apenas explicitar os macrovectores estruturantes da construção das notícias e dos seus efeitos. A linearidade das equações ajuda a clarificar o processo. Porém, como mostram as equações, os processos equacionados são complexos, pois a notícia e os seus efeitos aparecem como um produto de múltiplos factores, que interferem nesses processos de forma variável.

A Teoria Multifactorial da Notícia pode, então, ser traduzida com as seguintes três equações:

(1)

$$N = f(\alpha_1 \cdot Fp \times \beta_1 \cdot R \times \chi_1 \cdot Fso \times \delta_1 \cdot Fseo \times \varepsilon_1 \cdot Fi \times \phi_1 \cdot Fc \times \varphi_1 \cdot Fh \times \gamma_1 \cdot Fmf \times \eta_1 \cdot Fdt)$$

(2)

$$Ep_{FAC1C2N} = g(\alpha_2 \cdot Nf \times \beta_2 \cdot Nc \times \chi_2 \cdot P \times \delta_2 \cdot Cm \times \varepsilon_2 \cdot Cf \times \phi_2 \cdot Cs \times \varphi_2 \cdot Ci \times \gamma_2 \cdot Cc \times \eta_2 \cdot Ch)$$

(3)

$$Esic_N = h(\alpha_3 \cdot Nf \times \beta_3 \cdot Nc \times \chi_3 \cdot (P_1 \times P_2 \times \dots \times P_n) \times \delta_3 \cdot Cm \times \varepsilon_3 \cdot Cf \times \phi_3 \cdot Cs \times \varphi_3 \cdot Ci \times \gamma_3 \cdot Cc \times \eta_3 \cdot Ch)$$

6.1 Primeira equação (1)

A primeira equação do sistema mostra que a **notícia (N)** é uma função (**f**) do produto (ou interacção) de várias forças, segundo os resultados das pesquisas que têm vindo a ser produzidas sobre o campo jornalístico (Sousa, 2000; Sousa, 2003; Traquina, 2003; Shoemaker e Reese, 1991, 1996), a saber:

- **Força pessoal (Fp)** – As notícias resultam parcialmente das pessoas e das suas intenções, da capacidade pessoal dos seus autores e dos actores que nela e sobre ela intervêm.
- **Rotinas (R)** – As notícias resultam parcialmente das rotinas dos seus autores, normalmente consubstanciadas em práticas profissionais e organizacionais.
- **Força social** – As notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social (**força social extra - organizacional - Fseo**) e do meio organizacional em que foram construídas e fabricadas (**força sócio-organizacional - Fso**).

- **Força ideológica (Fi)** – As notícias são originadas por conjuntos de ideias que moldam processos sociais, proporcionam referentes comuns e dão coesão aos grupos, normalmente em função de interesses, mesmo quando esses interesses não são conscientes e assumidos.
- **Força cultural (Fc)** – As notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condiciona quer as perspectivas que se têm do mundo quer a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência).
- **Força do meio físico (Fmf)** – As notícias dependem do meio físico em que são fabricadas.
- **Força dos dispositivos tecnológicos (Fdt)** – As notícias dependem dos dispositivos tecnológicos usados no seu processo de fabrico e difusão.
- **Força histórica (Fh)** – As notícias são um produto da história, durante a qual agiram as restantes forças que enformam as notícias que existem no presente. A história proporciona os formatos, as maneiras de narrar e descrever, os meios de produção e difusão, etc.; o presente fornece o referente que sustenta o conteúdo e as circunstâncias actuais de produção. Ao ser simultaneamente histórica e presente, a notícia é *sincrética*.

Há ainda a considerar que as diferentes forças que se fazem sentir sobre as notícias não têm sempre o mesmo grau de influência na construção das mesmas. Daí que subsista a necessidade se introduzirem variáveis que dêem conta dessa variabilidade do grau de influência dos factores. Assim, todos os factores da primeira equação do sistema são antecidos por uma variável (α_1 a η_1).

As evidências que conduzem à primeira equação

Os resultados das pesquisas que têm vindo a ser produzidas sobre o campo jornalístico permitem alicerçar a primeira equação da teoria¹³. Vejamos alguns exemplos, necessariamente de forma muito resumida:

- **Força pessoal**

Desde que White (1950) lançou os estudos com base na útil metáfora do *gatekeeping* que se estuda o papel do jornalista, enquanto pessoa individual, na conformação da notícia. No seu estudo pioneiro, o autor concluiu que a selecção das notícias é um processo subjectivo, fortemente influenciado pelas experiências, valores e expectativas do *gatekeeper*. Essas ideias foram revistas, no sentido de enfatizar factores como os constrangimentos organizacionais, mas não foram abandonadas. Por exemplo, os estudos sobre “o que vai na mente” dos jornalistas, nomeadamente no campo do papel das cognições, mostram que há, intencional ou involuntariamente, influências pessoais sobre as notícias. Stocking e Gross (1989) provaram que os jornalistas fazem um uso adaptado de rotinas cognitivas que lhes são familiares para organizar as informações e produzir sentido e tendem a procurar e seleccionar informações que confirmam as suas convicções.

A auto-imagem que cada jornalista tem do seu papel pessoal pode, igualmente, ser um factor influente na selecção de informação. Por exemplo, Johnstone, Slawski e Bowman (1972) mostraram que alguns jornalistas se consideravam “neutros”, perspectivando as suas profissões como meros canais de transmissão, e que outros se viam como “participantes”, acreditando que os jornalistas necessitam de pesquisar para descobrir e desenvolver as histórias. A auto-imagem que cada jornalista tem do seu papel influencia, portanto, a construção das notícias.

¹³ Nos livros de Sousa (2000; 2002; 2003), Shoemaker e Reese (1991; 1996) e Shoemaker (1991) encontram-se abundantes referências aos resultados das pesquisas sobre jornalismo, sistematizados de acordo com a tese apresentada.

Se bem que as notícias possam reter marcas das fontes, o que é manifestamente uma forma de manifestação pessoal sobre as notícias, os jornalistas não são meros agentes passivos perante as fontes, negociando com elas informações e seus significados. Por este motivo, e uma vez que há contactos entre a organização noticiosa e as fontes através dos jornalistas, as relações entre estes e as fontes de informação podem melhor situar-se na esfera social extra-organizacional.

- **Rotinas**

As rotinas produtivas situam-se a meio caminho entre a força pessoal e a força social, pois correspondem a formas mecanicistas pessoais de proceder, embora esses mecanicismos representem, igualmente, uma maneira de os jornalistas se defenderem de críticas e de as organizações noticiosas fazerem estrategicamente face ao imprevisto e conseguirem garantir que o produto informativo se faz (Tuchman, 1972; 1978).

- **Força Social**

A pesquisa tem demonstrado que, independentemente da vontade dos jornalistas, apenas uma pequena parcela de factos se converte em notícia. Os estudos sobre *newsmaking* lançam alguma luz sobre esse fenómeno, enfatizando vários mecanismos que transcendem a acção pessoal do jornalista, entre os quais a força social, que se pode situar em diferentes níveis: uma **força sócio-organizacional** (que se refere aos constrangimentos decorrentes das organizações noticiosas) e uma **força social extra-organizacional** (referente a todos os constrangimentos que influenciam o jornalismo a partir do exterior).

Ao nível organizacional, as notícias são influenciadas por factores como a rede que estendem para pescar acontecimentos dignos de se tornarem notícia (Tuchman, 1978), o desejo de lucro (Gaunt, 1990), os mecanismos de socialização que impelem os jornalistas a seguir as normas organizacionais (Breed, 1955), a

competição entre editores e editorias (Sigal, 1973), os recursos humanos e materiais (Sousa, 1997), a hierarquia e a organização internas (Sousa, 1997), a dimensão e a burocracia interna (Shoemaker e Reese, 1996), os constrangimentos temporais (Schlesinger, 1977), etc.

Ao nível extra-organizacional, as notícias são influenciadas por factores como a audiência e o mercado (Gaunt, 1990; Kerwin, 1993), as relações (problemáticas) estabelecidas entre jornalistas e fontes de informação, com prevalência dos canais de rotina¹⁴ (Sigal, 1973), etc.

• **Força ideológica**

Pode considerar-se a ideologia como um mecanismo simbólico que, integrando um sistema de ideias, cimenta a coesão e integração de um grupo social em função de interesses, conscientes ou não conscientes (a cultura também cimenta coesões, mas não em função de interesses).

A força ideológica sobre as notícias exerce-se a vários níveis. Embora não se possa excluir que as ideologias políticas possam interferir na orientação dos órgãos de comunicação social e na actuação dos jornalistas, nos estados de direito democráticos e nas empresas jornalísticas profissionalizadas as principais ideologias que moldam as notícias são as ideologias profissionais dos jornalistas, em concreto a ideologia da objectividade e a ideologia do profissionalismo (Sousa, 1997; 2000; 2002). Ambas as ideologias procuram relegitimar continuamente a função dos jornalistas nas sociedades democráticas. A ideologia da objectividade, por exemplo, é, segundo Sousa (2000; 2002) uma das causas da orientação descritiva e factual das notícias, da ambição mimética em relação à realidade que as notícias tornam explícita, da identificação sistemática das fontes de informação nos enunciados noticiosos, da rede de facticidade (Tuchman, 1972; 1978), etc. A

¹⁴ São muitas as pesquisas sobre as relações entre jornalistas e fontes. Consultar, por exemplo, Sousa (2000; 2002) ou Santos (1997).

ideologia do profissionalismo desenvolve alguns dos mais nobres ideais do jornalismo, indiciados nos conteúdos noticiosos: coragem para reportar mesmo em situações de perigo, algumas delas colocando em causa a própria vida do jornalista; vontade de separar desejos e ideias pessoais da actuação profissional, etc. (Sousa, 1997; 2000; 2002).

As notícias também tendem a possuir um conteúdo ideológico que decorre, sobretudo, das práticas profissionais. Nesse caso, as notícias transformam-se num produto para a amplificação dos poderes dominantes, para a definição do legítimo e do ilegítimo, do normal e do anormal e para a sustentação do *statu quo* (Hall, 1978; Shoemaker e Reese, 1996).

- **Força cultural**

Os processos de *newsmaking* ocorrem num sistema sócio-cultural. As notícias transportam consigo os “enquadramentos culturais” (*frames*) em que foram produzidas. Por vezes, não havendo outros enquadramentos disponíveis, os jornalistas usam enquadramentos já usados para interpretar os novos acontecimentos (Traquina, 1988).

Karl Manoff (1986) e Gaye Tuchman (1976; 1978) fizeram notar que a escolha de um *frame* não é inteiramente livre, pois depende do “catálogo de *frames* disponíveis” num determinado momento sócio-histórico-cultural, isto é, depende do aspecto que o real assume nesse momento.

Elisabeth Bird e Robert Dardenne (1988) falam das notícias como sendo construídas no seio de uma gramática da cultura. São, assim, representativas dessa cultura e ajudam a compreender os seus valores e símbolos. Inclusivamente, enquanto narrativas míticas, as notícias possuem códigos simbólicos reconhecidos pela audiência. Por exemplo, as notícias, segundo os autores, recriam um sentimento de segurança ao promoverem uma certa ordem e ao estabelecerem fronteiras para o comportamento aceitável. Shoemaker e Reese (1996: 114) dizem, por seu turno, que as histórias jornalísticas, para serem atraentes, tendem a integrar

os mitos, parábolas, lendas e histórias orais mais proeminentes numa determinada cultura.

Por seu turno, Hall (1978) assinalou que no processo jornalístico de fabrico de informação é mobilizado um inventário do discurso. Neste processo, os jornalistas não se limitam a usar definições culturalmente determinadas, pois têm de integrar novas situações em velhas definições. Do mesmo modo, para Phillips (1976), um acontecimento deve corresponder ao esperado (valor da consonância). Por isso, as notícias são repetitivas, o que acentua a sensação de que existe novidade sem mudança. Segundo E. Barbara Phillips, os jornalistas têm ainda uma linguagem própria, que Nelson Traquina (1993) traduz como jornalês.

É possível usar o conteúdo das notícias como ponto de partida para a compreensão da produção cultural pelo sistema jornalístico. Três exemplos. Nimmo e Combs (1983) estudaram como os *news media* representavam a realidade, a partir da lógica da representação dramática - actores, actos, cena, motivos, cenários e agente sancionador (a fonte principal que justifica os acontecimentos, as acções e a conclusão dos dramas). Robert Smith (1979), por seu lado, estudou várias estações de televisão, tendo concluído que usavam nas notícias um número considerável de narrativas consistentes e previsíveis, entre as quais 83% poderiam ser classificadas em três categorias: 1) “homem decide”; 2) “sofrimento”; e 3) “vilão apanhado”. Michael Schudson (1988), por sua vez, diz que as notícias podem ser vistas na perspectiva dos géneros literários, assemelhando-se a romances, tragédias, comédias e sátiras. As páginas sociais de um jornal são como um romance, que pode, contudo, ser mesclado de comédia. A reportagem de um incêndio já é uma tragédia. Algumas notícias de polícia são quase uma forma abreviadíssima de romance policial. Para Schudson, as notícias são semelhantes porque as pessoas contam histórias de forma semelhante.

- **Forças do meio físico e dos dispositivos tecnológicos**

Não há muitos estudos sobre a influência do meio físico sobre o trabalho jornalístico. De qualquer modo, é quase intuitivo dizer-se que um jornalista pode produzir mais e melhor num local apropriado ao seu trabalho do que num escritório inadequado e desconfortável.

Por outro lado, os estudos sobre a aparição das novas tecnologias no quotidiano das redacções (computadores, telecomunicações, Internet) e a emergência do jornalismo on-line têm relevado a influência dos dispositivos tecnológicos sobre os processos jornalísticos. Os meios informáticos permitem ao jornalista corrigir, rever e alterar facilmente os textos, coisa que não acontecia com as antigas e pesadas máquinas de escrever. Com a redacção ligada em rede, as chefias podem rapidamente rever, corrigir e rescrever textos. Mas há mais exemplos da influência dos dispositivos tecnológicos sobre os formatos e conteúdos das notícias. Por exemplo, o cruzamento de texto e infografia, possibilitado pela informática, contribuiu para a generalização e para a reformulação das formas de noticiar, criando novos géneros jornalísticos – os info-gráficos. No patamar dos conteúdos, o jornalismo assistido por computador e as redes informáticas, em particular a Internet, dão também ao jornalista novos instrumentos de busca de informação que ajudam transformar as notícias. Mas a Internet também tem diminuído a importância da figura do jornalista como gestor privilegiado dos fluxos de informação no meio social. Há, porém, a considerar que a sobrecarga informativa também pode não ser benéfica e aproveitável para o cidadão, pelo que os jornalistas, no futuro, poderão ter um importante papel a desempenhar como analistas e selectores de informação.

Com a introdução dos computadores tornou-se também mais fácil e de difícil detecção manipular digitalmente imagens e até criá-las (Sousa, 1997).

- **Força histórica**

Os diferentes tipos de forças que enformam a notícia num determinado momento fizeram-se igualmente sentir ao longo da história. Por seu turno, a evolução histórica reflecte-se sobre esses mesmos factores na actualidade. Pode-se, assim, dizer que as notícias que temos são fruto da história. Vários dados fundamentam a asserção. Por exemplo, os avanços nos processos de transmissão e difusão de informação trouxeram novas formas de noticiar. O critério de noticiabilidade da “actualidade” ganhou uma dimensão mais relevante a partir do aparecimento do telégrafo. Por outro lado, e ainda como exemplo, a urbanização e a organização do território permitiram a concentração de consumidores de informação em núcleos urbanos, facilitando a distribuição de jornais. Este factor, aliado à alfabetização, contribuiu para o aparecimento dos primeiros jornais generalistas (Álvarez, 1992).

Outros factores históricos marcaram o desenvolvimento do jornalismo. Por exemplo, ao longo dos anos tem-se assistido ao alargamento do conjunto de temas noticiáveis, devido, entre outras razões, à evolução dos *frames* culturais (Álvarez, 1992). A influência das vitaminas na saúde dificilmente seria um tema eleito para notícia há décadas atrás, mas agora é-o. Nos anos sessenta, a corrente que ficou conhecida por (segundo) “Novo Jornalismo”, por seu turno, contribuiu para colocar a perspectiva do jornalista, necessariamente subjectiva e impressiva, no centro da enunciação noticiosa. A evolução recente do jornalismo para a análise (v.g., Barnhurst e Mutz, 1997) terá beneficiado desse movimento, tal como terá beneficiado de factores como a televisão, onde o jornalista-vedeta assume uma posição central.

Um registo curioso da evolução histórica do jornalismo pode delinear-se a partir da tese do primeiro doutor em Comunicação, Tobias Peucer. Peucer debruçou-se, em 1690, sobre a forma de relatar notícias, tendo identificado alguns fenómenos paleojornalísticos antigos. Por exemplo, antigos gregos, como Homero, ou antigos romanos, como Júlio César, já usavam nas suas narrativas formas de estruturação textual (*dispositio*) semelhantes à técnica

da pirâmide invertida. O próprio Peucer, na sua tese doutoral, intitulada *De Relationibus Novellis*, propunha que no relato “noticioso” se respeitasse escrupulosamente as regras que mandavam indicar o sujeito, objecto, causa, maneira, lugar e tempo. Estes *elementa narrationis* acabam por corresponder às seis questões a que tradicionalmente se dá resposta na notícia: “Quem?”, “O Quê?”, “Quando?”, “Onde?”, “Como?” e “Porquê?” (Casasús e Ladevéze, 1991). Vê-se, assim, que certas técnicas jornalísticas têm raízes históricas profundas, apesar de, por vezes, haver inovações, como a entrevista de pergunta-resposta, que surgiu no século passado. Com frequência, contamos histórias de maneira semelhante à forma como os nossos antepassados as contavam. Mesmo formas alternativas de estruturar o texto noticioso, como o relato cronológico, a técnica da pirâmide normal ou a introdução de um início e de um final fortes no texto obedecem a fórmulas retóricas a que os nossos antepassados recorriam, respectivamente o *modus per tempora*, o *modus per incrementa* e o relato nestoriano (Casasús e Ladevéze, 1991).

6.2 Segunda (2) e terceira equações (3)

A segunda equação do sistema evidencia que, a nível pessoal (Ep), os **efeitos fisiológicos (F)**, **afectivos (A)**, **cognitivos (C₁)** e **comportamentais (C₂) de uma notícia (N)**¹⁵ são uma função (g) do produto (ou interacção) das seguintes variáveis:

- **Notícia** – Os efeitos de uma notícia dependem da própria notícia. Atendendo a que cada notícia tem um formato e um conteúdo, influenciando ambos o processo de percepção, recepção e integração da mensagem, então a variável notícia deve segmentar-se em duas variáveis, o **formato da notícia (Nf)** e o **conteúdo da notícia (Nc)**.

¹⁵ Usa-se, conforme atrás enunciado, a sistematização dos efeitos da comunicação proposta por Ball-Rokeach e DeFleur (1982; 1993).

- **Pessoa (P)** – Os efeitos de uma notícia dependem da pessoa que a consome, da capacidade perceptiva dos seus sentidos, da sua estrutura mental, da sua personalidade, da sua experiência, da sua mundivivência, da sua mundividência, etc.
- **Circunstâncias (C)** – Os efeitos da notícia dependem das **circunstâncias (C)** da pessoa que a recebe. As circunstâncias que rodeiam a pessoa respeitam ao **meio em que a notícia é difundida (Cm)**, às **condições físicas da recepção (Cf)**, à **sociedade (Cs)**, à **ideologia (Ci)**, à **cultura (Cc)** e à própria **história (Ch)**¹⁶.

As notícias nem sempre provocam efeitos cognitivos, afectivos e comportamentais de idêntica grandeza. Por isso, também na segunda equação é necessário introduzirem-se variáveis, desta feita para darem conta da dimensão de cada efeito. Em consequência, os factores expressos na segunda equação são antecidos por uma variável (α_2 a η_2), a exemplo do que sucede na primeira equação, para dar conta do peso de cada efeito.

A terceira equação dá conta dos **efeitos sociais, ideológicos e culturais (Esic)** de uma notícia (**N**), evidenciando que estes variam, genericamente, em função do produto dos mesmos factores já expressos na segunda equação, com diferentes pesos [também na terceira equação se tem de considerar que o peso de cada factor na função pode não ser idêntico, pelo que se têm de introduzir variáveis (α_3 a η_3)], mas com a diferença de que se tem de introduzir a ideia da interacção entre as pessoas (**P₁ x P₂ x ... x P_n**) para representar mecanismos como os da conversação, capazes de contribuir para a mediação dos efeitos sociais, ideológicos e culturais das notícias (ver, por exemplo: Sousa, 2003).

Os efeitos sociais, ideológicos e culturais das notícias são, genericamente, aqueles que são apresentados por diferentes escolas de pensamento comunicacional e várias teorias da comunicação.

¹⁶ Várias pesquisas sustentam esta ideia. Veja-se, por exemplo: Sousa (2000) ou Sousa (2003).

Por exemplo, as escolas críticas, como a Escola de Frankfurt, mostram que as notícias orientam ideologicamente a sociedade no sentido da manutenção do *statu quo*, embora em grande medida essa orientação seja co-determinada pela cultura e modos de vida (estudos culturais, Escola de Birmingham)¹⁷. Ainda a título de exemplo, estudos no âmbito do agendamento (agenda-setting) mostram que na sociedade se estabelecem agendas de assuntos sobre os quais as pessoas falam, co-determinando o que social e culturalmente é considerado como importante, sendo que essas agendas são influenciadas pelas notícias. Outro exemplo susceptível de evidenciar que as notícias têm efeitos sociais e culturais ao nível de povos e países inteiros poderia ser tirado da teoria do distanciamento social, que enfatiza quanto o poder depende do conhecimento e quanto este depende do acesso à informação e da capacidade funcional de aproveitamento dessa mesma informação¹⁸.

7 Testando o modelo

Atendendo a que os efeitos pessoais, sociais, ideológicos e culturais da comunicação jornalística e as circunstâncias de que dependem a ocorrência e a intensidade desses efeitos são explicitados pelas teorias dos efeitos da comunicação, o modelo de efeitos expresso na segunda e na terceira equação remete para toda a produção teórica que tem sido produzida e que se encontra nas vastas obras sobre teoria da comunicação (por exemplo: Sousa 2000; 2002; 2003). Assim, a segunda e a terceira equação apenas visam clarificar e sistematizar as variáveis intervenientes nesse processo, dando conta da forma como interagem. Por exemplo, como vimos, a teoria do agendamento mostra que a inscrição e manutenção de determinados assuntos na agenda pública (efeito social) depende de factores como (1) a cognição que cada pessoa tem das notícias (efeito pessoal); (2) a conversação e demais in-

¹⁷ Para melhor explicitação, consultar: Sousa (2000) ou Sousa (2003).

¹⁸ Para melhor explicitação, consultar: Sousa (2000) ou Sousa (2003).

teracções entre as pessoas através da comunicação interpessoal, tendo a notícia por referente; (3) os meios que transmitem a notícia (por exemplo, a capacidade de agendamento da televisão e da imprensa é superior à dos restantes meios); e (4) o entendimento cultural e ideológico do que é considerado importante (do que é considerado notícia) num determinado momento histórico.

Ao contrário das restantes equações, a **primeira equação** representa uma nova e mais completa forma de sistematizar os factores que afectam a produção noticiosa. Ela é o coração da Teoria Multifactorial da Notícia que aqui se propõe. Portanto, torna-se necessário testá-la, aplicando a várias notícias a análise de factores que subjaz às equações, com o objectivo de verificar se as notícias dependem efectivamente da conjugação de factores pessoais, sociais, rotineiros, culturais, ideológicos, históricos, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos.

Como vimos, a primeira equação traduz matematicamente a ideia de que é possível unificar as explicações para as notícias serem aquilo que são num enunciado teórico claro e predictivo que parte da evidência resultante dos estudos jornalísticos. As notícias, podendo indiciar a realidade que referem, também indiciam as suas circunstâncias de produção, reveladas nas numerosas pesquisas que constituem o corpo da teoria do jornalismo. Esse mecanismo torna possível identificar nas notícias os resultados das forças que sobre elas se fazem sentir, impulsionando, direccionando e constringendo a sua produção. Vejamos, em alguns exemplos, como é possível identificar essas forças. No primeiro caso temos uma notícia de 1864 (extraída do primeiro número do *Diário de Notícias*) e no segundo caso uma notícia recente.

Notícia 1

Suas Magestades e Altezas passam sem novidade em suas importantes saúdes.

Notícia 2

O Presidente da República vai ser submetido a uma cirurgia cardiovascular no próximo mês de Junho, anunciou a Presidência da República.

O Presidente vai colocar um by-pass coronário, aparelho que possibilita a circulação do sangue quando os vasos sanguíneos estão semi-obstruídos.

Segundo a Presidência da República, trata-se de uma operação delicada mas comum, que obrigará o Presidente a três semanas de internamento.

A cirurgia será feita no Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa, pela equipa do professor José Luís Santos, que nos últimos cinco anos operou mais de 750 doentes, com uma taxa de sucesso de 99 por cento.¹⁹

O que ambas as notícias nos revelam sobre si mesmas e sobre as circunstâncias e o contexto em que foram produzidas? Para responder a esta questão, vamos analisar, com base nos itens que considerarmos mais relevantes, as forças que elas indiciam, partindo de um cenário macroscópico. Não poderemos falar de todos os itens de que gostaríamos, por motivos que se prendem com a ausência de espaço e com o desconhecimento de algumas das circunstâncias que impulsionaram, direccionaram e constrangeram o fabrico das notícias em causa, mas estamos certos de que o teste a que iremos proceder é suficiente para mostrar como a teoria unificada da notícia proposta por Sousa (2000; 2002) é pertinente.

- **Forças cultural e histórica**

– A primeira notícia é uma notícia de um não-acontecimento. Justifica-se porque foi publicada num contexto de pobreza infor-

¹⁹ Notícia verdadeira com alguns nomes e circunstâncias alterados para protecção dos visados.

mativa²⁰ que obrigava a imprensa noticiosa nascente²¹ a aproveitar tudo o que se parecesse com uma novidade interessante para encher o espaço editorial. A segunda notícia é uma notícia de um verdadeiro acontecimento (a doença do Presidente da República obriga a uma intervenção cirúrgica) metamorfoseado num acontecimento de rotina (a assessora de comunicação da Presidência encarrega-se de promover o acontecimento à categoria de notícia²² e os órgãos de comunicação social aproveitam-na não só devido ao seu interesse noticioso mas também porque, rotineiramente, publicam as informações oriundas dos principais órgãos do Estado).

– As notícias referem-se ao estado de saúde dos máximos representantes do país. Os factos a que elas se referem apenas se tornaram notícias porque determinados enquadramentos (ou *frames*) culturais²³ os permitem ver como factos notáveis e dignos

²⁰ Pouca era a informação circulante em Portugal.

²¹ A imprensa noticiosa contemporânea tem raízes directas na primeira geração da imprensa popular que desponta nos Estados Unidos nos anos vinte e trinta do século XIX e na imprensa de negócios que floresce a partir do século XVIII. Essa primeira vaga de jornalismo predominantemente noticioso (*penny press*) vai-se impor ao jornalismo predominantemente opinativo (*party press*) até ao final do século XIX, por força de factores como o aumento da informação circulante devido à generalização do telégrafo e à melhoria dos transportes e das vias de comunicação. Em Portugal, a fundação do *Diário de Notícias*, no fim de 1864, assinala precisamente essa viragem noticiosa do jornalismo.

²² Molotch e Lester (1974) apresentaram o conceito de promotores de notícias para definir os indivíduos que procuram elevar determinados acontecimentos à categoria de notícias. Na segunda notícia, a assessora de comunicação da Presidência funciona como promotora.

Molotch e Lester (1974) baseiam-se nas figuras dos promotores para definir vários tipos de acontecimentos. Porém, no caso presente a definição de acontecimentos dos autores não é aplicável, pois a primeira notícia não teve um promotor a não ser o próprio órgão de comunicação social e a segunda, embora tenha um promotor, é um acontecimento de rotina construído sobre um acidente, correspondendo, de certa forma, à rotinização do inesperado de que falava Tuchman (1978).

²³ Goffman (1975) foi o primeiro a teorizar sobre a noção de "enquadra-

de se tornarem notícias. Explica Schudson (1988: 20) que numa determinada sociedade só existe um número limitado de notícias, porque só determinados factos é que se inserem dentro dos limites do que é concebível como notícia. Por isso, "As novidades são comprimidas em velhos ficheiros"(Schudson, 1988: 24). O estado de saúde dos governantes de Portugal é um desses velhos ficheiros sempre recuperáveis, porque corresponde à forma da sociedade portuguesa ver o mundo e também porque, no contexto social e político português, é relevante que os cidadãos conheçam o estado de saúde de quem os governa.

Os enquadramentos, complementados com constrangimentos de outra ordem, como a política editorial das empresas jornalísticas, estão na base dos critérios de noticiabilidade, ou seja, dos critérios susceptíveis de transformar acontecimentos em notícias. Neste caso, a referência a figuras de elite funciona como um critério de noticiabilidade em ambas as notícias. Trata-se de um critério de noticiabilidade *perene*, um critério que já promovia factos a notícias nos tempos das *Actae Diurnae*²⁴ e que provavelmente continuará a regular a transformação de acontecimentos em notícias enquanto a sociedade mantiver uma estrutura sócio-política que impõe a existência de líderes e liderados.

A referência a personalidades de elite não é o único critério de noticiabilidade que impulsionou a publicação das notícias. Baseando-nos na lista de critérios de noticiabilidade pela primeira vez proposta por Galtung e Ruge (1965), é possível identificar outros critérios que permitiram aos jornalistas e responsáveis editoriais enquadrar os factos relatados na categoria de notícias, como sejam o momento (ambas as notícias eram actuais quando foram difundidas), a proximidade (ambas as notícias dizem respeito a

mento"ou *frame*. Um "enquadramento"corresponde às formas de organizar a vida para dar sentido ao mundo social e para lhe dar respostas adequadas.

²⁴ Antepassados remotos dos jornais, as *Actae Diurnae*, instituídas por Júlio César, serviram inicialmente para dar conta dos debates no Senado de Roma e transformaram-se depois numa espécie de jornal administrativo difundido por todo o Império Romano, com notícias das vitórias das legiões, dos abastecimentos de cereais, da Corte Imperial, etc.

temas que interessam sobretudo aos portugueses), a personalização (ambas as notícias dizem respeito a pessoas), a negatividade (apenas na segunda notícia) e ainda a inexistência de dúvidas sobre os factos que relatam.

– Ambas as notícias só puderam ser publicamente difundidas porque Portugal goza e gozava de liberdade de imprensa, princípio caro às democracias liberais e que baseia o Modelo Ocidental de jornalismo (McQuail, 1991; Hachten, 1996), sendo também um valor agregador dos jornalistas. As notícias acima seriam impensáveis em países como a Coreia do Norte ou mesmo a China, já que o secretismo isola do escrutínio público os dirigentes máximos desses países, em alguns casos quase sacralizados (como acontece na Coreia do Norte).

– Em ambas as notícias o relato é predominantemente factual, evidenciando que o culto dos factos não é novo no jornalismo (Traquina, 1993: 23) e em ambas o núcleo duro da informação surge no parágrafo inicial (*lead*). Aliás, a primeira notícia resume-se ao *lead*, embora a segunda esteja redigida com base na técnica da pirâmide invertida. Esta forma de organização do discurso não é nova. O jornalismo reinventou-a a partir de meados do século XIX²⁵ –segundo Philips (1976), os jornalistas escrevem em "jornalês-- e as agências noticiosas e os jornais aproveitaram-na e generalizaram-na, mas, na realidade, contar-se uma novidade começando pelo facto mais importante e prosseguindo hierárquica e sistematicamente até ao menos importante não é uma maneira nova de narrar. Pelo contrário, já se encontram exemplos nos textos clássicos gregos e romanos (Casasús e Ladevéze, 1991). As notícias são, assim, histórias narradas à luz da cultura da sociedade em que são produzidas (Schudson, 1988) e da cultura profissional (Traquina, 2001; 2002).

– Também a organização interna do discurso não é nova. As

²⁵ Sobretudo a partir da Guerra Civil Americana (Álvarez, 1992).

notícias respondem a "quem?", "o quê?", "como?", "quando?" e "onde?", embora na primeira notícia as respostas a "quando?" e "onde?" sejam implícitas (*onde?*, em Portugal; *quando?*, neste momento). A segunda notícia responde ainda a "porquê?". Não foi o jornalismo que deu ao mundo esta forma de relatar novidades. Foram os antigos gregos, senão mesmo antepassados mais remotos. Na verdade, a retórica clássica manda que no relato de novidades se indiquem o sujeito, o objecto, a causa, a maneira, o lugar e o tempo. O que é esta regra senão a regra de ouro da notícia, que manda o jornalista não se esquecer de responder às seis questões fundamentais: "quem?", "o quê?", "quando?", "onde?", "como?" e "porquê?"? O formato noticioso, como muito bem salienta Schudson (1982), impõe a forma das declarações: "o poder dos *media* não está só (nem principalmente) no seu poder de declarar as coisas como sendo verdadeiras, mas no seu poder de fornecer as formas sob as quais as declarações aparecem".

• Força ideológica

– Ambas as notícias encerram uma intenção de verdade. Procuram não mentir nem ficcionar sobre a realidade. Esta intenção discursiva não ficcional é um dos reflexos da ideologia da objectividade, cultivada pelos jornalistas para se relegitimarem continuamente no seio do sistema demo-liberal (Sousa, 1997) e revela-se em procedimentos rituais de objectividade (Tuchman, 1972) visíveis nas notícias, em particular na segunda notícia: a facticidade; as citações entre aspas; o endossamento da responsabilidade pelas afirmações às fontes que as enunciaram, etc.

– Ao darem atenção aos líderes políticos do país e ao concederem-lhes rotineiramente espaço, as notícias não só indiciam a organização sócio-política da sociedade portuguesa como também contribuem para relegitimar essa estrutura (Sousa, 1997; 2000; 2002). Esta é uma acção ideológica, mesmo que não intencional.

- **Força social**

– Ambas as notícias centram-se em acontecimentos actuais, superficiais, aparentemente delimitados no espaço e no tempo (no primeiro caso centra-se até num "não-acontecimento") e não em problemáticas dissimuladas na avassaladora paisagem dos factos e muito menos em problemáticas antigas. A centralização nos acontecimentos, nos factos, e não nas problemáticas serve como uma luva ao jornalismo. Como escreve Traquina (1988: 37), "os acontecimentos são concretos, delimitados no tempo e mais facilmente observáveis". E Tuchman (1978) explica que essa centralização nos acontecimentos permite transformá-los rapidamente em notícias, pois torna-se fácil a resposta às questões que fazem o *lead* noticioso. Por seu turno, a centralização na actualidade permite às organizações noticiosas gerirem melhor os seus recursos e dá resposta aos interesses da audiência (ou seja, do mercado), que quer, principalmente, saber "o que há de novo?". Daí que o jornalista seja um escravo do tempo, regule a sua acção pelas *deadlines* e pelo ponteiro do relógio, tendo aquilo que poderíamos traduzir por uma "cronamentalidade", aproveitando a noção de Schlesinger (1977).

– Ambas as notícias são factuais. Não há comentários, apesar da breve adjectivação interpretativa patente na primeira notícia. É uma opção que reflecte a política editorial das organizações noticiosas no seio das quais ambas as notícias foram produzidas, um dos constrangimentos organizacionais mais relevados nos estudos jornalísticos (ver, por exemplo: Sousa, 2000; 2002).

– Ambas as notícias denunciam rotinas segundo as quais os chefes de Estado portugueses são dignos de serem notícia. Ambas as notícias denotam ainda procedimentos rotineiros (a técnica da pirâmide invertida e os procedimentos rotineiros de objectivação do discurso, particularmente notórios na segunda notícia, são um bom exemplo). As rotinas são, conforme explicou Tuchman (1978), uma forma de dar às organizações noticiosas e aos

jornalistas vantagens táticas e estratégicas quer no que respeita à necessidade de preencherem com informação um espaço e um tempo vazios quer no que respeita à necessidade de se defenderem de críticas. Assim, é num contexto organizacional que as rotinas mais ganham expressão, como dissemos. A técnica da pirâmide invertida e os procedimentos de objectivização do discurso são exemplos de rotinas enunciativas que possibilitam aos jornalistas e às organizações noticiosas *vencerem o tempo* e transformarem rapidamente acontecimentos em notícias publicáveis e dificilmente sujeitas a críticas.

– Devido às particulares necessidades do fabrico de informação jornalística, o jornalismo é permeável à acção de fontes de informação regulares, autorizadas, poderosas e credíveis, que beneficiam de um acesso rotineiro aos meios jornalísticos. São muitos os estudos jornalísticos que demonstram essa situação (ver, por exemplo: Sousa, 2000; 2002; Shoemaker e Reese, 1996). A segunda notícia, baseada, muito provavelmente, (quase?) toda ela nas informações fornecidas pela Presidência da República, é um sintoma da situação atrás descrita.

– A rede de captura de acontecimentos (a *news net*, segundo Tuchman, 1978) das organizações noticiosas funcionou para a recolha de ambas as notícias. Hipoteticamente a primeira notícia é o resultado da iniciativa dos jornalistas (provém de um canal de iniciativa, na formulação de Sigal, 1973); a segunda notícia revela o acesso socialmente estratificado e rotineiro aos órgãos jornalísticos (é oriunda de um canal de rotina, de acordo com Sigal, 1973). Mas ambas as notícias revelam que as organizações noticiosas mobilizaram recursos para estarem atentas àquilo que se passava nas instâncias supremas do poder político português.

– Os problemas no acesso às fontes (Sousa, 2003: 78) fazem com que as organizações noticiosas se direccionem para as fontes institucionais em detrimento das individuais, pois só entidades

burocratizadas têm capacidade para manter o fluxo rotineiro de informação verídica, credível e autorizada de que as organizações noticiosas necessitam. No caso em análise, ambas as notícias provêm da chefia do Estado.

– Não se notam directamente, mas adivinham-se em ambas as notícias condicionantes sociais relacionadas com o mercado e a audiência. O mercado da imprensa de meados do século XIX ansiava por publicações que oferecessem essencialmente notícias, devido à omnipresença das publicações que traziam essencialmente artigos políticos. O *Diário de Notícias* foi a resposta de um empresariado arguto e empreendedor a essa necessidade, o que por sua vez se reflectiu na política editorial e, portanto, nas notícias publicadas. Na segunda notícia revela-se a manutenção do interesse da audiência por factos – as notícias factuais continuam a constituir a base da informação.

- **Força pessoal**

-Não há análise ou comentário em qualquer uma das notícias. Na segunda notícia há um esforço para explicar a cirurgia e o que se passa com o Presidente da República, mas não temos dados para dizer se a informação foi procurada pelo jornalista ou é oriunda dos serviços da Presidência da República, o que é mais provável. Em ambas as notícias o papel do jornalista²⁶ é essencialmente o de mero organizador e transmissor da informação. Esta opção, embora possa ser o resultado dos condicionalismos derivados da política editorial da organização noticiosa, também pode indiciar a auto-imagem que o jornalista tem do seu papel, que é um exemplo de um condicionalismo pessoal sobre as notícias.

²⁶ Em 1864 ainda não existiam jornalistas propriamente ditos, em especial em Portugal, embora a profissionalização estivesse a avançar a passos largos nos Estados Unidos devido à acção dos repórteres que cobriram a Guerra da Secessão (ou Guerra Civil).

– Os redactores recorreram, em ambas as notícias, às rotinas cognitivas que os ajudam a compreender o mundo e a organizar coerentemente os dados caóticos que esse mesmo mundo lhes envia constantemente (Stocking e Gross, 1989). A atenção dada aos chefes de Estado não é apenas cultural. É também o resultado da actividade cognitiva dos jornalistas, actividade esta que lhes permite compreender o mundo: um mundo onde há líderes e liderados, onde há estados chefiados por alguém. A forma das notícias também não é apenas cultural, nem fruto das políticas editoriais das empresas. Quem redigiu a primeira notícia aqui inserida pensava, certamente, que redigir notícias era proceder como o fez. Ou seja, mobilizou a sua mente, como sempre o fez, de maneira a dar sentido ao mundo das notícias (rotina cognitiva). Por seu lado, a recorrência à técnica da pirâmide invertida, na segunda notícia, é uma manifestação de um saber de narração (Ericson, Baranek e Chan, 1987) que para *cada jornalista* e para a "tribo" jornalística (Traquina, 2002) funciona como uma manifestação de competência profissional. Cada jornalista, sempre que redige uma notícia com base nessa técnica, dá sentido pessoal a um acto profissional e revalida, aos seus próprios olhos, o seu lugar no mundo.

– Sempre que enuncia alguma coisa, cada pessoa mobiliza palavras que fazem parte do seu inventário discursivo. Do *seu* e não do de outra pessoa qualquer. Cada pessoa escreve e fala de maneira diferente, por muitas que sejam as semelhanças entre as formas de falar e dizer, porque cada pessoa domina a língua de forma diferente. Ambas as notícias ressentem-se necessariamente desse processo (Sousa, 2000) – dito por outras palavras, e de maneira simples, quem as redigiu usou as palavras que conhecia para as elaborar.

- **Força dos dispositivos tecnológicos**

-Os processos rudimentares de composição e impressão de textos não permitiam notícias muito grandes nem jornais com

muitas páginas durante quase todo o século XIX. A primeira notícia ressentiu-se dessa circunstância. A segunda beneficia dos processos actuais de composição e impressão.

Estamos convictos de que a análise baseada na teoria da notícia de Sousa (2000; 2002) pode ser aplicada a todas as notícias, pois, como vimos, virtualmente explica todas as notícias, a sua forma e os seus conteúdos. Como exemplo, poderemos fazer uma análise superficial de mais duas notícias:

Notícia 3

A ministra das Finanças anunciou hoje, em conferência de imprensa, o congelamento por dois anos na contratação de novos funcionários públicos e a não renovação dos contratos a prazo na função pública.

Manuela Ferreira Leite avisou ainda que o Governo está a ponderar o congelamento de salários na função pública pelo período de dois anos.

A ministra justificou as medidas com a necessidade de contenção do défice e de diminuição da despesa da administração central.

Notícia 4

Cerca de mil trabalhadores dos sindicatos da função pública afectos à CGTP manifestaram-se hoje, em Lisboa, exigindo a abertura de vagas, aumentos salariais de cinco por cento e a renovação dos contratos a prazo.

O secretário-geral da CGTP, Manuel Carvalho da Silva, argumenta que "o problema das finanças públicas é um problema de receita e não de despesa". Por isso, "não podem ser os trabalhadores a pagarem pela incompetência que o Governo denota no combate à fuga ao fisco, às fraudes fiscais e às falências fraudulentas".

Os manifestantes concentraram-se no Rossio e subiram a avenida da Liberdade até ao parque Eduardo VII, impedindo o trânsito nessas artérias.

O que as notícias três e quatro mostram, em particular, é que o espaço mediático é uma arena pública onde diversas entidades, algumas com acesso rotineiro aos *media* e outras sem essa capacidade, se digladiam e tentam fazer passar para o público os enquadramentos que desejam dar às notícias. As notícias acima inseridas têm, a propósito dos mesmos factos-base (a não renovação dos contratos a prazo, o congelamento de novas vagas e o possível congelamento de salários na função pública), enquadramentos diferentes. Isso demonstra que os jornalistas possuem margem de manobra para, num modelo Ocidental de jornalismo, negociar significados para as notícias, para publicar notícias com enquadramentos diferentes para os mesmos factos e para auscultar quem muito bem entendem a propósito das notícias que são publicadas, desde que não ultrapassem um quadro de controvérsia legítima (Shoemaker e Reese, 1996: 237). A notícia quatro acontece precisamente na intercepção da promoção do acontecimento pela entidade interessada (CGTP) com os valores cultivados pelos jornalistas ocidentais, designadamente os valores do equilíbrio do noticiário e da contrastação de fontes. Estamos, portanto, perante factores de impulsão, direcção e constrangimento de notícias de carácter multi-dimensional: culturais, ideológicos, sociais e mesmo pessoais.

Também é de realçar que, na notícia quatro, entre mil manifestantes o jornalista preferiu falar com o secretário-geral da confederação intersindical. Os jornalistas preferem fontes pessoais (valor da personalização) representativas, o que confere autoridade à fonte e mais interesse e legitimidade ao respectivo discurso. A opção do jornalista releva também o valor que é dado ao critério de noticiabilidade da proeminência social das pessoas envolvidas – em mil possíveis fontes pessoais, escolhe-se aquela cuja proeminência social é maior.

De destacar igualmente que a notícia três pode ser entendida como um teste feito pela ministra para antever a reacção a determinadas medidas impopulares. No entanto, possui igualmente uma dimensão perlocutória (Austin, 1990), na medida em que a ministra faz alguma coisa (implementa a medida) pelo facto de a dizer (anuncia e amplifica e medida através dos *media*).

Sem espaço para uma análise mais detalhada, podemos dizer que, genericamente, o que foi dito para as notícias um e dois (sobretudo para a notícia dois) é válido para as notícias três e quatro. Essas notícias:

1. São centradas em acontecimentos actuais relevantes para os portugueses em geral e em particular para a audiência que configura o mercado dos órgãos jornalísticos que as publicaram;
2. Resultam, no primeiro caso, de um pseudo-acontecimento e, no segundo caso, de um acontecimento mediático, denunciando a permeabilidade dos *media* aos acontecimentos rotineiros promovidos por entidades poderosas, credíveis e autorizadas e revelando que a burocracia mediática só pode ser alimentada rotineiramente por entidades burocraticamente organizadas;
3. Têm sentido e podem ser publicadas num estado de direito democrático como Portugal, sujeito a um modelo Ocidental de jornalismo, baseado, sobretudo, no binómio liberdade de expressão e de imprensa – responsabilidade editorial;
4. Mostram que os critérios de noticiabilidade, plasmados na cultura e na ideologia profissionais e nas políticas editoriais, regulam a selecção de informação (ambas as notícias resultam de acontecimentos *actuais* e com grande *magnitude*, uma vez que afectam bastantes pessoas; ocorrem *próximo* do leitor-alvo; centram-se em *pessoas*; têm um pendor *negativo*, etc.);

5. São relatos centrados em factos notáveis, narrados com intenção de verdade, enunciados com o propósito não transpor a fronteira da ficção, que se baseiam nas formas de narrar notícias que foram histórica, cultural, ideológica, organizacional e profissionalmente modeladas (técnica da pirâmide invertida, rede de facticidade, utilização de aspas, endossamento da responsabilidade das afirmações para as fontes, etc.);
6. São relatos que necessariamente possuem as marcas enunciativas de quem os produziu (palavras usadas, etc.).

8 Considerações finais

Estamos convencidos de que é tarefa dos estudiosos do jornalismo construir uma explicação unificada para as notícias, se é que os estudiosos do jornalismo querem ambiciosamente chegar a algum lado. Estamos também convencidos de que os estudos jornalísticos foram de tal forma férteis que já nos deram matéria-prima suficiente para edificarmos essa explicação unificada de forma simples, breve e clara, como acontece em qualquer teoria científica, independentemente da complexidade da fundamentação da mesma. Estamos ainda convencidos de que qualquer notícia é fruto de condicionantes pessoais, sociais, ideológicas, culturais e históricas, do meio físico em que é produzida e dos dispositivos tecnológicos que afectam a sua produção. É possível, assim, explicar qualquer notícia em função da interacção dessas forças e prever que qualquer notícia que venha a ser enunciada e fabricada dentro do sistema jornalístico resultará igualmente da interacção dessas forças. Por isso, pensamos, e consideramos provado, que essas forças têm de estruturar uma teoria unificada do jornalismo. Quando uma notícia vier a contradizer a teoria, será, então, altura de rever a teoria e, eventualmente, de a substituir.

9 Bibliografía

- ÁLVAREZ, J. T. *Historia y modelos de la comunicación en el siglo XX. El nuevo orden informativo*. 2ª edición. Barcelona: Ariel, 1992.
- AUSTIN, J. L. *Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BALL-ROKEACH, S. J. e DeFLEUR, M. J. A dependency model of mass media effects. *Communication Research*, 3(1): 3-21, 1976.
- BALL-ROKEACH, S. J. e DeFLEUR, M. J. *Teorías de la Comunicación de Masas*. Barcelona: Paidós, 1982.
- BALL-ROKEACH, S. J. e DeFLEUR, M. J. *Teorías de la Comunicación de Masas*. 2ª edición revisada y ampliada. Barcelona: Paidós, 1993.
- BARNHURST, K. G. e MUTZ, D. American journalism and the decline in event-centered reporting. *Journal of Communication*, 47 (4): 27-53, 1997.
- BIRD, S. E. e DARDENNE, R. W. Myth, crónica and story: Exploring the narrative qualities of news, in CAREY, J. W. *Media, Myths and Narratives: Television and the Press*. Newbury Park: Sage, 1988.
- BREED, W. Social control in the newsroom: A functional analysis. *Social Forces*, 33: 325-335, 1955.
- CASASÚS, J. M. e LADEVÉZE, L. N. *Estilo y Géneros Periodísticos*. Barcelona: Ariel, 1991.
- ERICSON, R.; BARANEK, P. e CHAN, J. *Visualizing Deviance. A Study of News Organizations*. Toronto: The University of Toronto Press, 1987.

- GALTUNG, J. e RUGE, M. H. The structure of foreign news. *Journal of International Peace Research*, 1, 1965.
- GAUNT, P. *Choosing the News. The Profit Factor in News Selection*. New York: Greenwood Press, 1990.
- HACHTEN, W. A. *The World News Prism. Changing Media of International Communication*. 4th edition. Ames: Iowa State University Press, 1996.
- HALL, S. et al. *Policing the crisis - Mugging, the State, and Law, and Order*. New York: Holmes & Meier Publishers Inc., 1978.
- KERWIN, A. The marriage of editorial and marketing. *Editor & Publisher*, 24-25, 29 de Maio de 1993.
- MANOFF, R. K. Writing the news (by telling the 'story'). In R. K. Manoff e M. Schudson (Eds.) — *Reading the News*. New York: Pantheon Books, 1986.
- McQUAIL, D. *Introducción a la Teoría de la Comunicación de Masas*. 2ª edición revisada y ampliada. Barcelona: Paidós, 1991.
- MOLES, A. *Théorie de l'Information et Perception Esthétique*. Paris: Danoël, 1972.
- MOLOTCH, H. e LESTER, M. News as purposive behaviour: On the strategic use of routine events, accidents and scandals. *American Sociological Review*, 39, 1974.
- NIMMO, D. e COMBS, J. *Mediated Political Realities*. Second edition. New York: Longman, 1983.
- PHILLIPS, E. B. What is news? Novelty without change? *Journal of Communication*, 26 (4), 1976.

- RODRIGUES DOS SANTOS, J. *O Correspondente de Guerra, o Discurso Jornalístico e a História. Para Uma Análise da Reportagem de Guerra em Portugal no Século XX*. Tese de doutoramento submetida à Universidade Nova de Lisboa, 2001.
- RODRIGUES, A. D. O acontecimento. *Comunicação e Linguagens*, 8: 9-15, 1988.
- SCHLESINGER, P. Newsmen and their time machine. *British Journal of Sociology*, 28 (3), 1977.
- SCHUDSON, M. Porque é que as notícias são como são? *Comunicação e Linguagens*, 8: 17-27, 1988.
- SCHUDSON, M. The politics of narrative form: emergence of news conventions in print and television. *Daedalus*, 111, 1982.
- SHOEMAKER, P. e REESE, S. *Mediating the Message. Theories of Influences on Mass Media Content*. 2nd edition [1ª edição de 1991]. White Plains: Longman, 1996.
- SHOEMAKER, P. *Gatekeeping*. Newbury Park: Sage Publications, 1991.
- SIGAL, L. V. *Reporters and Officials: The Organization and Politics of Newsmaking*. Lexington: D. C. Heath, 1973.
- SMITH, R. Mythic elements in television news. *Journal of Communication*, 29(1): 75-82, 1979.
- SOUSA, J. P. *As Notícias e os Seus Efeitos*. Coimbra: Minerva Editora, 2000.
- SOUSA, J. P. *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003.

- SOUSA, J. P. *Fotojornalismo Performativo. O Serviço de Fotonotícia da Agência Lusa de Informação*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 1977.
- SOUSA, J. P. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.
- STOCKING, S. H. e GROSS, P. H. *How Do Journalists Think. A Proposal For the Study of Cognitive Bias in Newsmaking*. Bloomington: ERIC Clearinghouse on Reading and Communication Skills, 1989.
- TRAQUINA, N. (Org.). *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.
- TRAQUINA, N. As Notícias, in TRAQUINA, N. (Org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.
- TRAQUINA, N. As notícias. *Jornalismos - Comunicação e Linguagens*, 8: 29-40, 1988.
- TRAQUINA, N. *Jornalismo*. Colecção *O Que É*. Lisboa: Quimera, 2002.
- TRAQUINA, N. *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2001.
- TUCHMAN, G. *Making News. A Study in the Construction of Reality*. New York: The Free Press, 1978.
- TUCHMAN, G. Objectivity as strategic ritual: An examination of newsmen's notions of objectivity. *American Journal of Sociology*, 77(4): 660-679, 1972.
- VIZEU, A. O jornalismo e as "teorias intermediárias": Cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas da análise do discurso. *Actas*

do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [CD-ROM], celebrado em Belo Horizonte. São Paulo: INTERCOM, 2003.

WHITE, D. M. The gate-keeper: A case study in the selection of news. *Journalism Quarterly*, 27(3): 383-396, 1950.